

Pra onde vão  
as bolhinhas  
de sabão?

Felipe Mello

ilustracao Luciano Tasso

## AGRADECIMENTOS

Como todo texto de agradecimento este certamente será injusto. Menos injusto será, entretanto, se eu registrar aqui as raízes da minha história e as estradas do meu futuro. Minha família, a começar pelos meus pais, José e Jane-te, que me apresentaram a “fantástica máquina de fazer bolhinhas”. Andrea, Isabela, Pedro Elias, Rejane, Gabriel, Iasmin, tios e primos. Todos partes de uma só raiz.

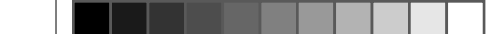
À equipe do Canto Cidadão, em especial ao Roberto, que vêm me ajudando a desafiar as probabilidades e chegar mais perto dos sonhos.

Aos apoiadores e patrocinadores do programa sócio-cultural que levará a mensagem deste livro em forma de teatro a dezenas de milhares de crianças. E ao Deus que me faz entusiasmado com a possibilidade de ser e fazer mais a cada dia.

## DEDICATÓRIA

Com todo amor dedico este livro à minha filha Isabela, que em um passeio à beira-mar me perguntou “pra onde vão as bolhinhas de sabão”. Naquele momento ela despertou em mim uma essencial curiosidade que a criança tem e que muitos adultos insistem em esconder no porão da alma.

Abrindo a janela olhei através das bolhinhas de sabão e percebi que elas vão aonde elas quiserem, desde que o sopro venha forte e puro do coração.



**A**

s bolhinhas de sabão são muito importantes na vida das crianças, que por sua vez são muito importantes na vida do planeta.

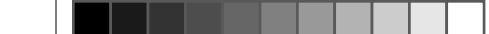
Quando bolhinhas de sabão e crianças se encontram, tudo fica mais colorido. Um belo sopro cria bolhas de todos os tamanhos, alimentando a fantasia e a alegria na vida dos pequenos.

Esta é a história de uma menina que adorava fazer bolhinhas de sabão. Ela esbanjava alegria e sonhava muito, principalmente acordada. Passava tardes inteiras soprando e correndo atrás das bolhinhas pequenas e grandes, sempre atenta ao caminho do vento. Afinal, ele é capaz de levá-las bem alto ou bem rápido ou ainda baixinho e devagar.







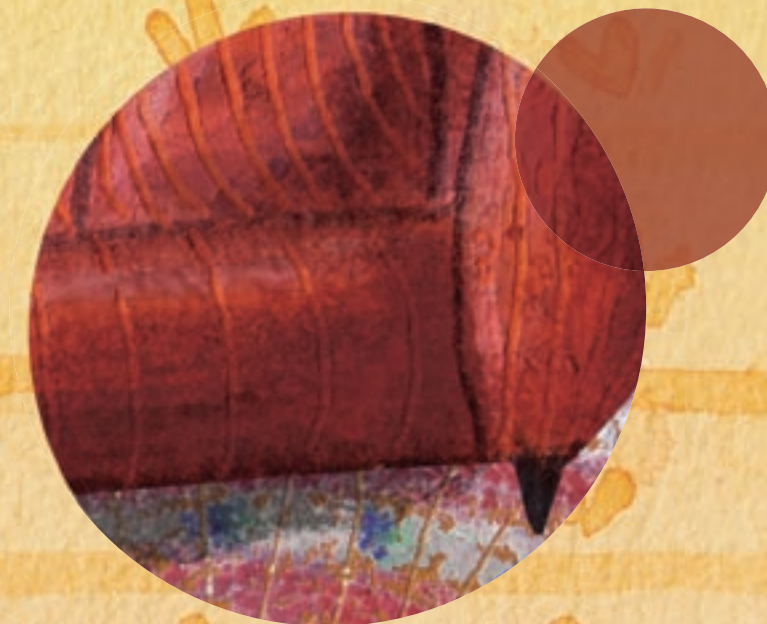


N

o dia anterior, a menina tinha brincado com a “fantástica máquina de fazer bolhas de sabão” logo após o jantar. Quando a sua mãe a chamou para escovar os dentes e deitar, a menina deixou o brinquedo sobre a prateleira da sala e foi em direção ao banheiro.

Todas as luzes estavam apagadas. Foi quando ela sentiu um calafrio estranho, daqueles que a gente sente quando temos a impressão que alguém está escondido no escuro, vigiando atentamente. Ela apressou o passo e nem olhou para trás.

Aquele calafrio não era por acaso. Ela realmente não estava sozinha na sala, pois três outras criaturas estavam por lá: uma atrás do sofá, outra sob a mesa e a terceira atrás da cortina. Eram o abutre-chefe e seus dois ajudantes, que estavam lá para realizar uma missão.





- Eu não gosto nada de ficar apertado atrás do sofá! Vocês não sabem o que é ser um abutre gordinho em um espaço tão pequeno! – reclamou um dos abutres-ajudantes.

- Eu também estou com uma tremenda dor nas costas de ficar escondido sob a mesa. Olha só o meu tamanho! – reclamou o outro abutre-ajudante.

- Vocês querem estragar tudo? É isto que eu estou entendendo? – sussurrou muito bravo o abutre-chefe. – Eu estou planejando isto há anos! Se um de vocês estragar o meu plano, eu...eu...eu juro que corto as suas asas, pinto vocês dois tópicos de verde e os vendo como se fossem papagaios! Entenderam?

Os dois ajudantes ficaram arrepiados de medo e se calaram rapidinho. Começaram então a procurar com cuidado o que queriam roubar daquela casa.

- Sim! Ali está a fórmula das bolhinhas de sabão! – comemorou o abutre-chefe. – O meu bisavô, pai de meu avô, o meu avô, pai de meu pai e meu pai, pai de mim mesmo, procuraram este tesouro durante muitos anos.

- E qual é a diferença desta bolhinha de sabão e de todas as outras que existem, chefe? – perguntou inocentemente um dos ajudantes.

- Eu não podia mesmo esperar uma pergunta mais inteligente vinda de você. – disse o chefe. - Pela milésima vez eu vou explicar: não existe no mundo alguém que goste tanto de bolhinhas de sabão quanto esta menina. E por isto o seu brinquedo é mágico. Tem um poder incrível! Ela nem sabe disto, mas cada vez que ela sopra bolhinhas de sabão, entra no poderoso mundo da imaginação e fortalece a

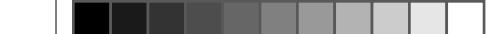
fantasia e a alegria de todas as crianças! Ecaaaa! O meu bisavô, pai de meu avô, o meu avô, pai de meu pai e meu pai, pai de mim mesmo, não conseguiram encontrar as meninas dos tempos deles. Elas eram a bisavó, a avó e a mãe desta menina que encontramos hoje. Eu estou mudando esta história! Hahahaha! Vou honrar o nome da minha família abutresca! Roubando esta fórmula de bolhinhas de sabão a menina não visitará mais este mundo fantástico! Hahahaha.

- E sem as bolhinhas de sabão as crianças não criarão mais fantasias e não serão mais alegres? Poxa vida! – comentou com uma voz fraquinha um dos ajudantes.

- Mas que conversa é essa? De que lado você está? É a minha brilhante idéia, sim! – respondeu o chefe. – Tudo o que é importante na vida delas está agora em minhas mãos! E assim eu dominarei o mundo! Hahahaha. – gargalhou bem alto o abutre-chefe.

A última gargalhada saiu com alto volume mesmo, acordando o pai da menina. Os abutres ouviram os passos dele vindo em direção à sala e então colocaram a fórmula das bolhinhas de sabão em um saco plástico e saíram voando pela janela, desaparecendo naquela noite fria e escura.





A

*gora que você já entendeu o que aconteceu, voltemos à conversa entre a bolhinha mágica e a menina, combinado?*

- E foi assim que aconteceu! – disse a bolhinha.
- Mas por que tanta maldade? – lamentou a menina.
- Eu não sei. Só sei que precisamos resolver isto! – disse ansiosa a bolhinha.
- Mas eu sou apenas uma criança! E você é uma bolhinha. Acho que não vai dar certo.
- Eu tenho uma boa notícia para você! Não estaremos sozinhas nesta aventura!
- Não?
- Nananinão! Teremos mais três companheiros.





- E quem são eles? – perguntou apressada a menina.

A bolhinha chegou novamente pertinho do ouvido dela e sussurrou quem é que também estaria com elas na busca da fórmula das bolhinhas de sabão.

- E o que estamos esperando para encontrá-los! – disse, corajosa, a menina.

Elas estavam prestes a começar a maior aventura das suas vidas. O primeiro desafio era encontrar os seus companheiros de viagem. Buscando coragem e inspiração, uniram as suas mãos e fizeram um trato a uma só voz:

*Agora somos uma só,*

*Duas com uma missão!*

*Desatar qualquer nó,*

*Pra ter de volta as bolhinhas de sabão!*



vento soprava forte e barulhento naquela parte da floresta. Aquele lugar vinha se transformando dia após dia, com as árvores desaparecendo rapidamente. Triste, uma delas lamentava a situação.

- Ó céus, onde estão todos? Onde estão todos? – perguntava a si mesma uma grande árvore. – Por que as minhas amigas desapareceram? Desde que eu era pequenina – já faz bastante tempo – eu sempre vivi rodeada de lindas árvores. Elas me ensinaram tudo... Como fazer crescer a minha raiz, alimentar as minhas folhas, gerar meus frutos... Tudo, tudinho! Elas me ajudaram a crescer, a ficar forte... Juntos nós formávamos uma floresta tão bonita. Os animais todos vinham nos visitar... Agradeciam a sombra e os frutos... Vivíamos felizes. Agora estou aqui, sozinha...

Pertinho dali - ouvindo aquele desabafo - os dois abutres-ajudantes esperavam o momento certo para se aproximar sorrateiramente da árvore e lhe aplicar um grande susto.

- Buuuuuuuuu! – grasnaram juntos os abutres-ajudantes.

- Ahhhhhhh. O que vocês querem aqui? – perguntou a árvore. Já não basta estar sozinha e ainda tenho de agüentar vocês e suas brincadeiras bobas?

- Está sozinha? Coitadinha. Estou com tanta pena! – zombou um dos penosos.

- Olha só, eu também estou com muita pena! Aliás, quem tem mais pena, eu ou você? – falou tirando sarro o outro abutre-ajudante. - O que você acha, amigo abutre, de quebrarmos o galho da amiga árvore e terminarmos com o sofrimento dela?

- Quebrar o galho da amiga árvore? Esta foi boa! Rárárá.

A árvore observava cada vez mais desconfiada aquela conversa dos dois abutres-ajudantes. Ela não queria demonstrar, mas estava com muito medo.

- O que vocês querem dizer com acabar com o meu sofrimento? – perguntou a árvore.

- Oras bolas! Você não estava reclamando que as suas amigas desapareceram e que você está sozinha e blábláblá? – perguntou um dos abutres-ajudantes.

- Sim, é realmente muito ruim estar sozinha. Vocês podem me ajudar? Vocês sabem como trazê-las de volta? – perguntou cheia de esperança a árvore.

- Trazê-las de volta, não! Mas podemos acabar com o seu problema fazendo você desaparecer também! Assim, a última árvore deste planeta não se sentiria mais sozinha. Rárárá! – grasnou novamente um dos abutres-ajudantes.

Ao falar isto, eles começaram a cercar a árvore, tentando derrubá-la. A cada golpe, ela demonstrava uma grande vontade de viver e depois de algum tempo conseguiu fazer correr os dois covardes penados. Enquanto recuperava o fôlego a árvore não conseguia parar de pensar naquilo que eles falaram.

- Última árvore deste planeta? Será que isso é verdade? O que está acontecendo?

Quem respondeu à sua pergunta foi a menina que se aproximava naquele exato momento.

- Olá! Eu sei o que está acontecendo.

A árvore se virou e não enxergou ninguém. Afinal, a menina era muito menor do que ela.

- Era só o que me faltava agora, começar a ouvir vozes.

- Você não está ouvindo vozes! Eu estou aqui! – reclamou a menina.

- Ah, não. De novo, não. Onde está você? – perguntou a árvore.

- Aqui embaixo!

Olhando para baixo, a grande árvore encontrou a menina. Levou um susto, pois nunca tinha visto uma pessoa tão pequena.

- Quem é você? Você não deveria estar aqui sozinha.



- É verdade. Mas eu vim porque acho que você também não deveria estar aqui sozinha. – respondeu a menina. - Eu sei o que aconteceu com as suas amigas da floresta.

- Você sabe?

- Sim, dona árvore. A verdade é que a sua floresta e todas as outras do mundo estão desaparecendo depois que os abutres roubaram a fórmula das bolhinhas de sabão. Eu preciso da sua ajuda para recuperar o que eles levaram.

- Não me diga uma coisa dessas! Aqueles abutres malvados! Então é por isso que eles queriam me derrubar, acabando de vez com todas as árvores do mundo.

- O que você me diz? – perguntou a menina. – Você vem comigo?

- Seremos eu e você nesta aventura? – perguntou a árvore.

- Não, eu e mais dois companheiros também estaremos nesta. – disse a bolhinha mágica.

Ao ouvir aquela voz, a árvore se assustou novamente. Como ainda não conhecia a bolhinha mágica, pensou que estivesse ouvindo vozes mais uma vez. A menina começou a rir.

- Não se assuste, dona árvore. Esta é a bolhinha mágica de sabão, a nossa guia!

- Mas bolhas de sabão não falam! – reclamou a árvore.

- Nem árvores! – respondeu rapidamente a bolhinha.

Todas riram.

- Dona árvore! – disse a bolhinha mágica. – Podemos contar com a sua ajuda?

- Eu nunca pensei que sairia desta floresta. Não sei se posso ajudar. Eu sou toda desajeitada, tenho medo de atrapalhar e deixar tudo ainda pior. – confessou envergonhada a árvore.

Naquele instante a menina se aproximou da árvore e a abraçou ternamente. A bolhinha chegou perto e aumentou o tamanho e o carinho do abraço. A árvore se sentiu muito bem e tomou uma decisão.

- Se é para o bem geral de todos, eu digo que vou!

A menina e a bolhinha aplaudiram a decisão e foram em direção à saída da floresta. Era preciso encontrar rapidamente os outros companheiros de viagem.

A árvore olhou para os lados, para cima e para baixo, e não conseguiu acompanhá-las.

- Esperem por mim! Esperem! Eu tenho raízes. Não posso sair do lugar.

Era um fato: ela tinha raízes profundas. A menina olhou para a bolhinha, olhou para a grande árvore e teve uma idéia: pediu para a bolhinha segurar com uma de suas mãos um dos galhos da árvore; então, segurou com as suas duas mãos a outra mão da bolhinha mágica. Estava formada uma corrente fantástica! A menina desejou profundamente que aquela árvore ganhasse movimento, e olhando através da bolhinha mágica, enxergou tudo acontecendo. Alguns instantes depois, como num passe de mágica, uma sensação de cócegas invadiu a árvore. Coça da-

qui, coça dali, um baita frenesi. A árvore se mexia toda para se livrar da coceira, e quando menos percebeu já estava saltitando, andando e até correndo. A menina e a bolhinha sorriram e piscaram confiantes uma para a outra.

- Estou andando! Estou andando! – comemorou a árvore, rodopiando.

Novamente de mãos dadas, as três disseram:

*Agora somos uma só,*

*Três com uma missão!*

*Desatar qualquer nó,*


*Pra ter de volta as bolhinhas de sabão!*

**E**nquanto a menina, a bolhinha e a árvore seguiam em busca do próximo integrante da equipe, no alto da “Montanha Seca” o abutre-chefe comemorava as suas maléficas conquistas.

- Rárárá! Meu plano está funcionando! Eu sou um gênio genial cheio de genialidade! A primeira parte já era! As árvores desapareceram do planeta. Bau, bau! Nem galho, nem fruto e nem flor, um grande cenário de horror! Sem elas o ar ficará poluído, ninguém mais descansará em suas sombras e nenhuma criança brincará de cabaninha ou de balanço! Que maravilha! Agora vem a segunda parte do meu plano: acabar com as escolas, livros e professores. Sem isso as crianças não aprenderão mais nada e ficarão mais burrinhas que as pedras desta montanha! Rárárá! O meu bisavô, pai de meu avô, o meu avô, pai de meu

pai e meu pai, pai de mim mesmo, certamente estariam abutrescamente orgulhosos de mim!

O abutre-chefe estava conseguindo tudo o que ele queria, já que as escolas, livros e professores estavam prestes a desaparecer, exatamente como as árvores. O que ele não sabia era que a menina e seus amigos estavam a caminho, decididas a conquistarem de volta a fórmula de fazer bolhinhas de sabão.



professor estava atrasado para o início da aula. Chegou apressado na sala, tropeçou e derrubou tudo o que carregava em suas mãos. Foi livro para um lado, canetas para o outro e o mais importante: os óculos voaram longe, deixando o atrapalhado professor sem enxergar nadinha de nada. Ele se levantou como se nada tivesse acontecido e começou a reunir o que estava espalhado. Depois de alguns instantes, estranhou que os alunos não estivessem rindo muito, pois sempre se divertiam com as suas trapalhadas.

Enquanto procurava as coisas, começou a resmungar desculpas pelo atraso e pela chegada barulhenta. O que o professor não havia reparado - porque realmente não enxergava nada sem os seus óculos - era que não havia nenhum aluno na sala. Ele tinha começado a aula falando para as paredes.



- Bom dia, queridos alunos! Estamos aqui para mais uma deliciosa aventura pelo saber. Como eu ia dizendo, cheguei atrasado porque hoje está acontecendo de tudo e mais um pouco comigo. Logo cedo, quando acordei, não consegui encontrar os meus óculos. Levantei assim mesmo e então a bagunça toda começou. Tropecei na quina da cama e caí de cara no meu sapato velho. Puxa vida, eu não lembrava do tamanho do meu chulé! Não queiram saber, crianças! Depois eu fui ao banheiro, e sem enxergar direito, acabei usando a escova de cabelos e o xampu para escovar meus dentes. Não foi nada agradável, podem acreditar.

O professor estava empolgado contando a sua história, e além de não ter notado a ausência dos alunos, não percebeu a chegada da menina, da árvore e da bolhinha mágica. Os três ficaram ouvindo, curiosos pelo fato dele estar falando sozinho.

- E não parou por aí, queridos alunos! Quando eu estava me arrumando, vesti a camisa pelo avesso e coloquei a cueca por cima da calça. Pode uma coisa desta? E para terminar, fui tomar o meu café-da-manhã e acabei mordendo o sabão em pedra e bebendo detergente.

Estou cuspidando bolhinhas de sabão até agora. Epa! Na verdade eu não cuspi nenhuma bolhinha, o que é muito estranho pela quantidade de sabão que eu engoli. Muito estranho mesmo!

- Eu sei por que o senhor não cuspiu bolhinhas, professor. – disse a menina.

- Finalmente um de vocês falou alguma coisa. Eu estava estranhando este silêncio todo. Meus alunos nunca estiveram tão quietos como hoje! Mas que bom que você sabe por que eu não cuspi bolhinhas. Pode me contar? A propósito, quem é você que eu não estou reconhecendo pela voz?

Eles perceberam que o professor não era maluco, apenas não estava enxergando nada. A árvore se pôs a procurar os óculos e quando os encontrou, entregou prontamente ao professor. Ele os limpou cuidadosamente e os colocou em seu rosto, ficando aliviado por enxergar novamente.

- Olá! O senhor não reconheceu a minha voz porque eu não sou sua aluna. – explicou a menina.

- Ah, sim! Agora posso vê-la e confirmar o que você está me dizendo. – disse o professor, afagando os cabelos dela.

Naquele instante, ele percebeu a presença da árvore e da bolhinha na sala, assim como a ausência de todos os seus alunos. Deu dois passos para trás, limpando freneticamente os seus óculos.

- Eu pensei que tivesse voltado a enxergar normalmente, mas acho que estou enxergando até o que não existe! Por acaso tem uma árvore dentro da minha sala de aula? E onde estão os meus alunos?

- Acalme-se, professor, está tudo bem! Eu posso explicar tudo! – disse calmamente a bolhinha mágica.



O professor pegou a menina pela mão e foi para o lado oposto da sala, o mais distante possível da árvore e da bolhinha, cobrindo-a com o seu avental.

- Eu devo estar ficando maluco. Primeiro uma árvore na minha sala e agora uma bolha de sabão falante?

- Eu também falo! – provocou a árvore.

- Socorro! O que vocês fizeram com os meus alunos? Afastem-se desta criança indefesa! – gritou como um herói o professor.

A menina saiu debaixo do avental, pegou na mão dele e o levou para bem perto da árvore e da bolhinha mágica.

- Escute o que eu tenho para dizer, professor, por favor! – pediu gentilmente a menina.

Ele estava respirando profundamente, buscando se acalmar. Concordou, então, com ela.

- Já estou melhor. Pode me contar tudo, com riqueza de detalhes! – disse o professor.

- Antes de tudo, quero lhe apresentar duas grandes amigas: a dona árvore e a bolhinha mágica de sabão.

- Muito prazer! – disseram juntas as duas.

- Muito prazer! – respondeu ainda assustado o professor.

- Agora que todos se conhecem, posso explicar o motivo de nossa presença. Estamos aqui em uma missão muito importante e precisamos que o

senhor nos ajude. Se não agirmos rápido, todos os alunos desaparecerão de vez, inclusive os seus.

- Eu ainda não estou entendendo! Como podem desaparecer os alunos? – perguntou exclamando o professor.

Foi quando a menina começou a explicar tudinho a ele, tintim por tintim. Quanto mais ela falava, mais ele demonstrava surpresa e revolta. A árvore e a bolhinha de sabão falavam também e ele ficou sabendo de toda a história.

- E é por isso que as árvores estão desaparecendo, assim como os livros, professores e alunos. Sem as bolhinhas de sabão, tudo está se perdendo. O senhor vai nos ajudar? – perguntou a menina.

O professor estava confuso. Colocou as mãos no rosto, como que desejando abrir os olhos e ver que aquilo não passava de mais um dos seus sonhos malucos. Mas ele abriu os olhos e percebeu a sala vazia. Sentiu falta de cada um dos seus alunos, suas histórias, seus olhos curiosos e sorrisos espontâneos. Sentiu falta até da bagunça que eles faziam. Estava decidido!

- Mas é claro que eu vou ajudar! Não precisa perguntar novamente. Eu nasci para apresentar às crianças o maravilhoso mundo do saber. Não serão abutres sem coração que deixarão as nossas crianças sem educação! Vamos!

Para continuar a tradição, todos se deram as mãos e disseram:

*Agora somos um só,*

*Quatro com uma missão!*

*Desatar qualquer nó,  
Pra ter de volta as bolhinhas de sabão!*

Eles saíram em busca do último integrante do grupo. Estavam quase prontos para subir a “Montanha Seca” e resgatar o tesouro roubado. Ao sair da sala, o professor olhou para as cadeiras vazias, suspirou e prometeu a si mesmo que em breve aquele local estaria novamente repleto de vida e alegria.

**N**

o topo da montanha, o trio de abutres estava comemorando mais uma vitória. Afinal de contas, os livros, professores e alunos tinham desaparecido. Era motivo para um grande banquete!

- Onde está a comida, suas lesmas? – perguntou o abutre chefe.  
- Está quase pronta, chefinho! – responderam a uma só voz os dois ajudantes.  
- Espero que vocês tenham caprichado! Eu mereço a melhor gororoba de todos os tempos. Patas de ratos, sapos mergulhadas em muita gordura e carne de zebra podre! Venham logo, antes que eu perca a paciência!

Os abutres-ajudantes tinham acabado de preparar a comida para o chefe, e trouxeram as bandejas para a mesa. Com grande cerimônia, apresentaram em jogral aquilo que tinham feito com tanto carinho.

- Aqui está, genial chefe dos chefes! Banquete como este nem os antigos príncipes abutres comiam! Na primeira bandeja, saladas variadas, com muitas verduras e legumes fresquinhas e limpinhas. Na segunda, um delicioso filé de peixe sem gordura e sem espinhas, temperado com molho de maracujá. E na terceira e última bandeja, a sobremesa, frutas da estação brilhantes de tão limpas que estão.

A cada palavra dita pelos ajudantes, o chefe ia arregalando os olhos e abrindo as asas. Os cozinheiros acharam que ele estava empolgado com tudo o que tinham preparado. Entretanto, a reação do chefe não foi de satisfação.

- Mas o que é isso? Vocês querem acabar comigo? Eu sou o abutre-chefe! Eu quero gordura, fritura, porcaria para comer! Vocês acham que eu vou engolir isto tudo? Tirem isto da minha frente imediatamente, antes que eu faça uma canja de abutres velhos com vocês dois.

- Mas, chefinho, preparamos o que há de mais saudável para vossa excelência. Este banquete deixará o senhor muito mais forte para dominar o planeta.

- Isto é comida de humanos, seus abutrecos! E por falar nisso, vocês me lembraram da última parte do meu plano: exterminar da face do planeta todas as comidas saudáveis como estas que vocês me trouxeram! Eca! Será o fim das saladas, frutas, comidas fresquinhas e limpinhas. Assim, as crianças ficarão ainda mais fraquinhas. Mãos à obra!

- Tudo bem, chefe! Mas nós não temos mãos para colocar à obra! Nós temos asas!

O abutre chefe colocou os dois para correr e tirou do bolso um pedaço sujo e gorduroso de carne.

A

cozinha do mestre-cuca sempre fora espetacular, repleta de cores e sabores! Naquele lugar ele criava muitas receitas, sempre com a preocupação de fazer comidinhas deliciosas e que fizessem muito bem à saúde das crianças. Afinal de contas, ele acreditava que receita gostosa de verdade era aquela que encantava pelo sabor e também pela capacidade de deixar a saúde mais forte.

- Muito bem, bem, bem! Esta na hora de fazer o meu famoso bolo de cenoura! Mundialmente conhecido. Crianças de todas as partes fazem filas para prová-lo. Agora eu preciso acrescentar mais cenoura, deixe-me ver onde está... Aqui, não... Nem aqui... Que estranho! Cada hora falta uma coisa... Assim não consigo terminar meus quitutes...

Nos últimos dias tudo estava ficando diferente. O mestre-cuca não conseguia fazer mais as mesmas comidas. Afinal de contas, ele não encontrava os ingredientes



necessários e estava muito preocupado pelo fato das crianças não estarem comendo direito. Mas ele não desistia de procurar e ligava para todos os mercados que conhecia.

- Alô! É do mercado central? Que bom! Por favor, eu quero encomendar três quilos de cenoura, chocolate bem gostoso, dois quilos de farinha, cinco dúzias de ovos, dois quilos de açúcar... e frutas também... pêra, uva, maçã e... Como é? Não tem nada disso? Nem pêra, nem uva, nem maçã, muito menos salada mista? Como assim? E laranja? Nem bagaço? Que pena... Bom dia para o senhor também...

A cada tentativa ele ficava mais e mais triste e preocupado, pois se lembrava de quantos pratos deliciosos ele já havia feito para tantas crianças. Ele ensinava cozinheiras de muitos lugares a transformarem as refeições em momentos especiais na vida delas. O mestre-cuca não entendia o que estava acontecendo, pois ninguém sabia explicar. De repente, não mais que de repente, tudo o que era gostoso e saudável estava desaparecendo.

- Alô! Eu recebi a propaganda do seu mercado, e gostaria de fazer uma... Não entendi! Se eu quiser legumes, frutas, verduras ou cereais nem adianta pedir? Infelizmente não é novidade. Ah, o senhor tem outras opções? Patas de ratos fritas com muita gordura? Eca! Mas que tipo de mercado é este? Super-Abutre? Muito obrigado, passar bem. Onde já se viu? Oferecer comida gordurosa e suja para os clientes! E que nome de mercado mais estranho! Super-Abutre?

Quando o mestre-cuca desligou a ligação, não segurou as lágrimas. A sua vida era cozinhar. Tudo parecia perdido. Foi quando a turma da menina chegou.

- Olá, mestre-cuca! – disseram juntos a menina, a bolhinha mágica, a árvore e o professor.

- Olá, pessoal! – respondeu ele enxugando os olhos. – A que devo a visita? Você é uma árvore que fala? E você uma bolhinha de sabão? Nada mais me espanta, nem o mercado chamado Super-Abutre...

- Eu posso explicar tudo! – disse a menina. – Inclusive o mercado dos abutres.

O grupo contou ao novo integrante tudo o que estava acontecendo. Estragar a alimentação das crianças era a última parte do plano abominável do abutre chefe. Felizmente eles estavam unidos para combater aquele vilão, tarefa que não seria nada fácil.

- Mas que absurdo! Isto não pode ficar assim! Criança merece carinho, escola e comida gostosa! Panelinhas queridas do meu coração, não se preocupem. Vocês voltarão a fazer a alegria de muita gente! Eu prometo! Vamos pessoal?

O time estava completo. Agora vinha a parte mais difícil: escalar a “Montanha Seca” e recuperar a fórmula das bolhinhas de sabão.

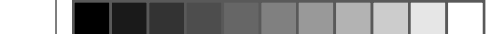
Para continuar a tradição, todos se deram as mãos e disseram:

*Agora somos um só,*

*Cinco com uma missão!*

*Desatar qualquer nó,*

*Pra ter de volta as bolhinhas de sabão!*



**D**

epois que o grupo saiu da cozinha do mestre-cuca, já tinha percorrido uma longa distância e ainda faltava um bocado para chegar à base da montanha. Eles estavam exaustos e precisavam descansar um pouco.

- Vamos nos sentar aqui! Cansados deste jeito não conseguiremos subir nem um degrau, imagine só esta montanha toda. – disse o professor.

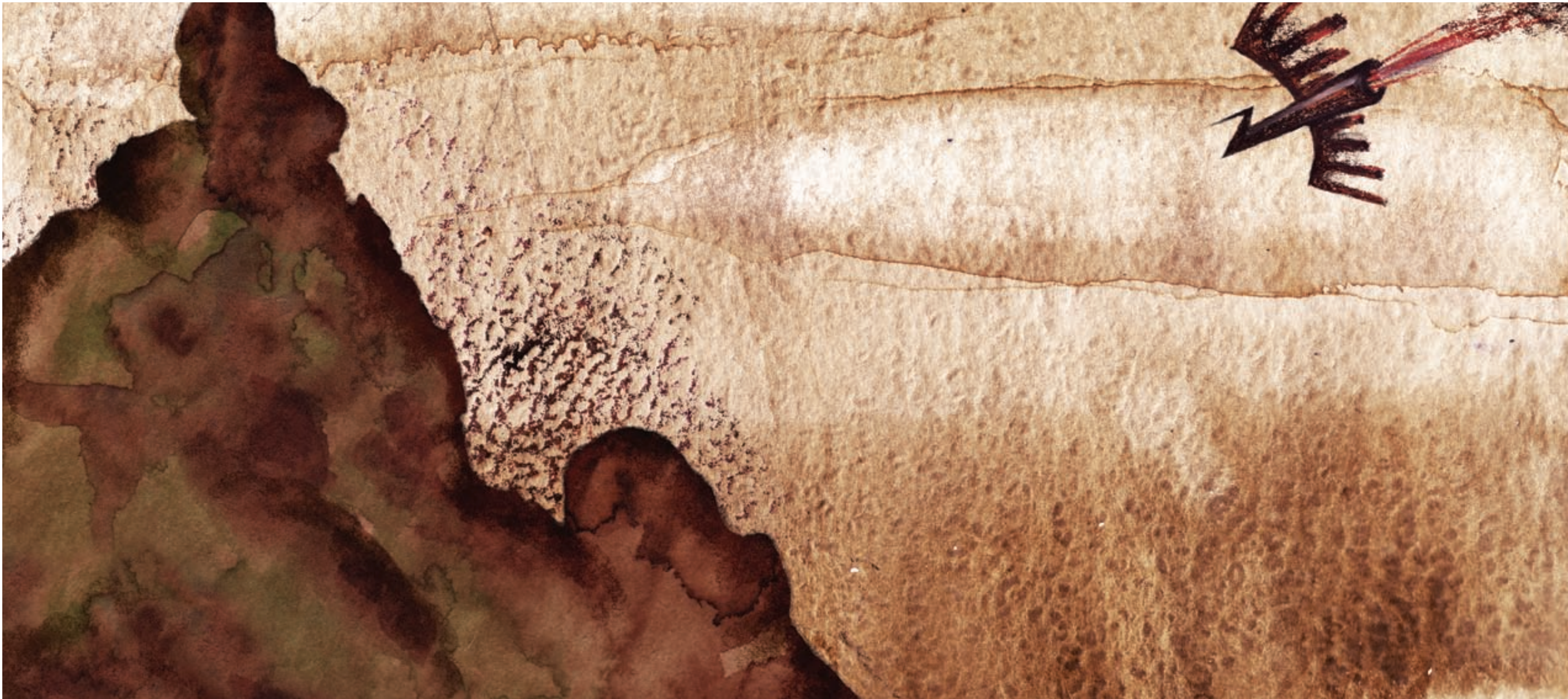
- O senhor tem toda razão. Vamos ficar um tempo aqui e depois continuamos. Já estou com a minha raiz doendo de tanto caminhar – concordou a árvore.

- Pensando bem, pessoal, que tal se a gente dormir aqui e seguir viagem amanhã cedo? Já está quase escurecendo mesmo. – sugeriu a menina.

- Boa idéia! Mas para isso precisaremos fazer uma fogueira! Brrrr... Está ficando muito frio aqui. – disse o mestre-cuca.







Ao ouvir a palavra “fogueira”, a árvore saiu de perto bem de mansinho.

- Dona árvore, aonde você vai? – perguntou a menina.

- Hãhã... Eu... Eu... Na verdade, eu... – gaguejou a árvore.

- Você não está pensando que vamos usar seus galhos para fazer a fogueira, não é? – perguntou o professor.

- Não vão? – perguntou de volta a árvore.

- Mas é claro que não! Deixe de ser boba! Quando eu sugeri que fizéssemos uma fogueira, pensei em aproveitarmos galhos que já estivessem secos e espalhados por aí. Você é nossa amiga, faz parte do nosso time! – disse o mestre-cuca.

- Ufa! Agora posso voltar a respirar. Por um instante senti o calor do fogo queimando as pontas dos meus galhos. E eu gosto tanto de cada um deles! Fiquem tranquilos, pois eu encontrarei lenha para a nossa fogueira. Afinal, de madeira eu entendo.

Enquanto a árvore procurava a lenha, os outros começaram a descansar e pegaram no sono. O que ninguém desconfiava era que os abutres tinham um plano para impedir que a turma da menina conseguisse chegar ao topo da montanha. Em um movimento muito rápido, eles capturaram a árvore com uma grande rede, colocando um pano em sua boca para que ela não pedisse ajuda.

Algum tempo depois...

- Dona árvore! Onde está você? Puxa vida, faz tanto tempo que ela foi procurar lenha e ainda não voltou! – exclamou enquanto se espreguiçava a menina.

– Será que o senhor pode ir atrás dela, professor?

Ainda sonolento, ele se levantou e foi à procura da amiga, enquanto a menina, o mestre-cuca e a bolhinha continuavam a descansar. Não demorou muito para que os abutres ajudantes fizessem uma nova vítima, pois o professor caiu facilmente em uma armadilha colocada no caminho.

Já eram dois prisioneiros, e novamente a menina acordou e sentiu falta deles. Pediu ao mestre-cuca que fosse procurá-los, e o seu destino foi exatamente o mesmo dos outros dois, ou seja, se tornou mais uma vítima dos abutres.

A menina estava novamente sozinha, apenas em companhia da bolhinha mágica.

- Puxa vida! Os três foram e não voltaram. Tem alguma coisa muito estranha nesta história. Estou sentindo cheiro de abutre no ar. – disse bem baixinho a menina. – Vamos sair daqui, precisamos encontrá-los.

Elas começaram a caminhar com muito cuidado, e a cada passo sentiam que estavam sendo observadas. E o sentimento delas estava certo.

- Olá, menina! – disseram os abutres-ajudantes enquanto a cercavam.

– Passeando sozinha por estas bandas? Por acaso vai visitar a vovozinha para levar alguns docinhos? Rárará. – brincou um dos abutres-ajudantes.

- Não tem medo do lobo mau? Rárará. – completou o outro abutre-ajudante.

- Na verdade eu até preferiria encontrar um lobo mau a dois abutres fedorentos! – disse corajosa a menina.

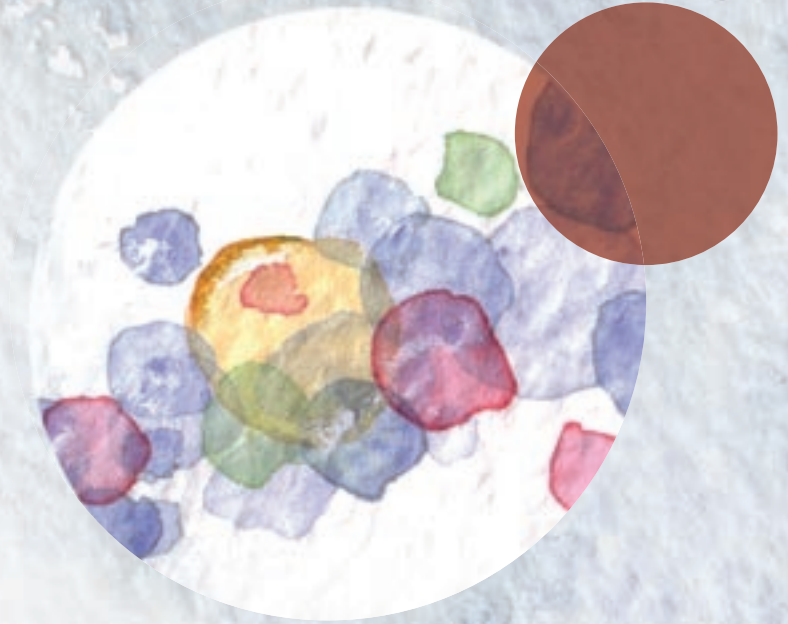
- Mas que menina mal educada! Nós dois tão preocupados com o bem-estar e você vem com uma grosseria dessas? Muito feio! Deste jeito vai acabar como os seus amigos, amarradinhos feito pamonhas! Rárárá.

- Agora chega de conversinha! Está na hora de terminar o serviço. Venha conosco que o chefe quer vê-la. – disse sério um dos abutres-ajudantes.

Ao ouvir aquelas palavras, a menina percebeu que não conseguiria escapar. Ela precisava pensar rápido em uma forma de avisar os seus amigos que estava sendo levada para o alto da montanha. Lembrou-se que a bolhinha mágica poderia ir ao encontro deles e quem sabe até ajudá-los.

- Senhores abutres, tudo bem, eu concordo em ir até o seu chefe. Mas antes eu preciso amarrar os cadarços do meu tênis. – Vai, encontre os nossos amigos e tente ajudá-los. É a nossa única esperança! – sussurrou ela.

Os abutres-ajudantes perceberam que a bolhinha mágica estava escapando e se puseram a correr atrás dela. Mais ágil que um jogador de futebol, ela driblou um e desapareceu, sendo perseguida pelo outro. O abutre que ficou pegou a menina pelo braço e a levou ao encontro do chefe.



abutre-chefe estava muito ansioso no topo da “Montanha Seca”, caminhando de um lado para o outro, abrindo e fechando as suas grandes asas. Apesar do seu plano estar funcionando como planejado, ele não queria que a menina e a sua turma atrapalhassem nada.

Instantes depois, o abutre-ajudante chegou puxando a menina pelo braço, carregando um enorme sorriso de triunfo em seu bico.

- Aqui está, poderoso chefinho! Trouxe a única criatura que poderia estragar o nosso plano.

- Nosso plano? Foi isto o que eu ouvi? E desde quando eu dei esta liberdade para um depenado como você. O plano é meu e você não fez nada mais do que garantir o seu emprego miserável! – disse cheio de si o abutre-chefe.

- Senhores abutres, longe de mim querer atrapalhar a discussão de vocês, mas eu sou apenas uma criança e a única coisa que eu quero é poder voltar a fazer bolhinhas de sabão – disse inocentemente a menina.

Naquele momento o abutre-chefe começou a gargalhar muito, mas muito mesmo, sendo imitado pelo abutre-ajudante. Eles riram até passar mal, tendo de respirar profundamente para começarem a falar novamente.

- Aiai... Você é uma comédia! Uma simples criança? Acha que vai me comover com essa conversinha? Só eu sei o que uma simples criança pode fazer. Quatro gerações de minha família vêm tentando destruir a fórmula da sua bolhinha de sabão, e agora que eu consegui eu não vou abrir mão, ou melhor, abrir asa dela! Rárárá. Você ficará presa aqui no topo da “Montanha Seca” até não haver mais nenhuma chance de recuperação. É o último capítulo da história da alegria das crianças! O meu bisavô, pai de meu avô, o meu avô, pai de meu pai e meu pai, pai de mim mesmo, estão comemorando comigo esta vitória abutresca! Rárárá. Eu mereço um brinde! Amarre-a e venha comigo! – ordenou o abutre-chefe ao ajudante.

Os dois deixaram a menina amarrada e foram buscar algo para brindar. Completamente sozinha, a menina começou a se lembrar de todas as alegrias que tivera nos passeios pelos parques, nas aulas que a faziam descobrir um pouco do mundo a cada dia e nas comidas gostosas e saudáveis que ela comia com tanto gosto. Agora tudo aquilo estava perdido, tanto para ela quanto para as outras crianças do mundo. De tão triste, ela começou a chorar, e não percebeu que os seus amigos

estavam chegando ao topo da “Montanha Seca”, caminhando devagarzinho para não chamar a atenção dos abutres.

- Não chore, amiga! Estamos aqui para ajudá-la! – sussurrou a árvore.

- É isso mesmo! Não será desta vez que os abutres vencerão. Pelo menos se depender de mim! – falou firme o professor.

- Isso, limpe o seu rostinho, querida! Esta história ainda não chegou ao seu último capítulo. Ela só terminará quando eu sentir o cheiro de bolo de cenoura com chocolate novamente! – disse animado o mestre-cuca.

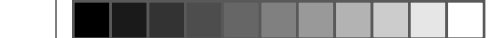
Todos riram, inclusive a menina. Eles a desamarraram e a ajudaram a se levantar. Ela olhou para um lado e para o outro, para frente e para trás, para cima e para baixo, e percebeu que a bolhinha mágica não estava por perto.

- Onde está a nossa pequena amiga? – perguntou a menina.

- Ah, sim! Já ia me esquecendo de contar. Aquela corajosa bolhinha está despistando o abutre. Como voa rápido! Mas nós temos pouco tempo para encontrar a fórmula e escapar antes que eles voltem enfurecidos. – contou a árvore.

A menina estava pensando no que fazer. Para resgatar a fórmula, ela precisava mandar os abutres para bem longe. Foi quando ela se lembrou de algo que a bolhinha disse na primeira conversa delas.

- É isso! Eu preciso da ajuda de todas as crianças do mundo neste momento! Eu sei que elas podem me ouvir! Se todas soprarmos juntas eu conseguirei fazer bolhinhas de sabão muito fortes, que poderão capturar os abutres e levá-los para bem longe daqui! – falou entusiasmada a menina.



Os integrantes da turma estavam um pouco desconfiados com aquela idéia. Afinal de contas, não havia mais nenhuma criança por ali.

- E como vamos avisar as crianças que elas precisam soprar com a gente? – perguntou o professor.

- De alguma forma eu sinto que elas vão ouvir o meu chamado. Eu vou contar até três, e então todas as crianças que estiverem me ouvindo devem soprar muito forte! Um, dois e três! – contou a menina.

Nada aconteceu. Nenhum ventinho sequer fez nascer bolhinhas no brinquedo da menina. Ela olhou para baixo e respirou fundo. Certamente os abutres estavam voltando, e ela precisava agir ainda mais rapidamente.

- Eu não vou desistir! Crianças, vamos soprar juntos! Enchem o peito de ar, do mais puro ar, e soprem comigo quando eu contar três. Prontos? Um, dois e três!

De repente, não mais que de repente, uma enorme quantidade de vento começou a vir de todas as partes, e a menina estava segurando com toda a força o brinquedo bem acima da sua cabeça. O sopro das crianças - inclusive daquelas que estão lendo esta história - começou a produzir milhares de bolhinhas, que logo tomaram conta do topo da “Montanha Seca”. Os abutres estavam chegando e foram pegos de surpresa pela nuvem de bolhinhas, que os cercaram e engoliram, fazendo-os voar para bem longe, enquanto eles tentavam inutilmente gritar por ajuda. Para completar a vitória da turma, a árvore encontrou a fórmula das bolhinhas de sabão, e a entregou para a menina.

A bolhinha mágica, que tinha voltado após despistar os abutres, parou nas mãos da menina.

- É incrível! Você conseguiu! Eu sabia que você era capaz! – comemorou a bolhinha mágica.

- Eu estou muito feliz! Principalmente pela ajuda que nós tivemos. – disse a menina.

- Vejam, vejam! As árvores estão nascendo novamente! – disse a árvore.

- Mas que maravilha, as crianças estão voltando para as escolas! – vibrou o professor.

- E as mesas estão novamente servidas com comidas gostosas e saudáveis! – comemorou o mestre-cuca.

Todos se abraçaram carinhosamente, com um enorme sorriso nos rostos. A união, coragem e força de vontade tinham salvado o futuro das crianças.

Certamente muitos outros desafios ainda existem e a melhor solução é sempre fazer muitas bolhinhas de sabão.

Enquanto elas nascerem do sopro de vida das crianças – pequenas e grandes – com a liberdade de seguirem seus destinos, indo aonde quiserem, a alegria e a fantasia existirão.

FIM

## TEXTO QUE DEU ORIGEM AO LIVRO

Filosofar é bem-vindo em qualquer lugar. Filosofar é agradável com qualquer interlocutor. Filosofar é adaptável a qualquer situação. Quando o cenário é uma praia, na companhia de uma filha, praticando o ato de não fazer nada, a fórmula fica ainda melhor.

Com todos estes ingredientes, só poderia sair conversa papa fina. Eu com meus quase trinta, ela com seus recém-completos sete anos de idade. Depois de comer um milho verde, eu na espiga e ela no prato - o que lhe causou certa humilhação, pois teve de evidenciar a falta que fazem os dentes da frente - caminhávamos pela praia, desafiando São Pedro e sua sarcástica mania de fazer chover aos domingos.

- Papai, faz bolinha de sabão para eu correr atrás?

Atendi prontamente, sacando o pequeno frasco de meu bolso. Ventava, o que tornava o desafio dela ainda maior. Cada rajada de bolinhas saía sem rumo, ainda que o sopro propulsor não viesse com tanta intensidade. Mesmo

assim ela corria, e corria, e corria ainda mais. O sorriso em seu rosto a fazia saltar bem alto, trombando seu corpo contra as bolinhas de sabão, que seguiam sem direção.

– Pra onde vão as bolinhas de sabão, papai?

Uma pergunta despreziosa, talvez. Palavras sopradas em meio a um sorriso tão banguela que dava vontade de sorrir junto, da alma para o mundo.

– Pra onde vão as bolinhas de sabão, papai?

A pergunta sobreviveu ao meu descaso inicial, fruto evidente de minha parca sensibilidade. Era uma pergunta pretensiosa, uma tremenda figura de linguagem, metáfora inocente daquelas que mexem com a gente. Minha filha queria uma resposta, urgente, que elucidasse algo tão intrigante.

– Como as bolinhas de sabão voam, filha?

Quis ganhar tempo devolvendo com uma pergunta que imaginei a faria tartamudear por alguns instantes.

– Ué, elas voam com suas incríveis asas invisíveis, é lógico.

Touché. As bolinhas de sabão tinham asas. É lógico, se voavam algum tipo de asa deveriam ter. Mas se elas são invisíveis, como seria possível enxergá-las, e como eu poderia entender tal lógica que eu não podia ver. Ao me perguntar isso, inicialmente cheio de razão, ficou explícita a minha mediocridade e caiu à minha frente um espelho mágico, cujo nome nunca esquecerei: euspelho.

– Pra onde vão as bolinhas de sabão?

– Até você, euspelho? Estou querendo entender a questão das incríveis asas invisíveis e vem você me criticar.

– Não é crítica, é bóia de resgate. Agarre-se ou afunde para sempre.

Decidi me entregar à oferta. Afinal, qualquer ajuda era bem-vinda naquele momento. Minha filha continuava me mirando, como que surpreendida pela minha surpresa resistente.

– PAPAÍ, pra onde vão as bolinhas de sabão?

O tempo havia se esgotado, e eu não tinha uma resposta. A pergunta fazia cada vez mais sentido, e eu sentia o desejo de saber a resposta. Estava claro que eu tinha pouca matéria prima na caixa de brinquedos para compor uma resposta minimamente decente.

– Filha, você pode me dizer para onde vão as bolinhas de sabão?

Se ela respondesse à pergunta sem pestanejar, e acreditando na sua resposta, eu mergulharia naquela água fria.

– Pra onde elas quiserem, papai.

Só não mergulhei porque estava com muito frio, daqueles que vêm de dentro, tão de dentro que é impossível determinar sua origem.

A chuva apertou. Coloquei minha filha no colo, abri o guarda-chuva da filosofia, e caminhei de volta para casa.





#### **Ficha técnica da peça de teatro**

- Dramaturgia - Felipe Mello
- Direção – Marcelo Lazzaratto
- Elenco – Sandro Fernandes, Rebecca Aguiar, Rodrigo Spina, Zema, Lui, Clarice Espíndola
- Cenário – Laura Andreatto
- Iluminação – Marcelo Lazzaratto

